

Diminuição no orçamento geral conforme a 3.^a modificação

N'esta 3.^a modificação, deduzindo do orçamento geral (48:900\$000 réis) a importancia dos pavilhões anatomicos (7:551\$178 réis), teriamos a suppressão de todas as mais obras, na importancia de réis 41:348\$822

Accresce

Muralha em que teriam d'assentar os pavilhões anatomicos (como na modificação 2.^a)... 1:607\$605

Total a menos, réis..... 39:741\$217

Vê-se pois que, sendo a importancia do projecto 48:900\$000 esta importancia, segundo a 1.^a modificação, seria de 38:504\$163
 Pela 2.^a modificação, de..... 13:978\$552
 E pela 3.^a modificação, apenas de..... 9:158\$783

Galeria subterranea por baixo da Travessa do Muzeu

Para esgoto das aguas pluviaes e para todos os despejos do edificio e claustro do Muzeu do lado E., existe uma galeria ampla, que, passando por baixo da rua proxima, vai abrir-se no cerco dos Jesuitas. Tem sufficiente altura para o serviço de communicação entre as lojas dos pavilhões anatomicos (casa de macerações) e o edificio do Muzeu; ficando-lhe ainda, inferiormente, o sufficiente espaço para cano d'esgoto. Independentemente dos pavilhões anatomicos, ainda pode aproveitar-se esta galeria para a conducção dos cadaveres da casa mortuaria do hospital para o mesmo edificio do Muzeu. Para qualquer dos casos, poderá utilizar-se a nota seguinte do seu orçamento :

| Designação | Quantidade | Preço da unidade | Importancia | |
|---|------------|------------------|-------------|----------|
| | | | Parcial | Geral |
| Excavação em terra compacta, para uma escada e para um ascensor nas lojas do Muzeu, e remoção d'estes materiaes m. ³ | 51,87 | 198 | 10\$270 | |
| Alvenaria..... " | 136,53 | 2\$138 | 291\$901 | |
| Cantaria para degraus e patins..... " | 3,81 | 15\$920 | 60\$655 | |
| Embôço e rebôco m. ² | 318,72 | 52 | 16\$573 | |
| Guarnecimento fino de cal branca " | 318,72 | 28 | 8\$924 | |
| Ascensor..... | - | - | 100\$000 | |
| Para arredondar..... | - | - | 677 | |
| Total, réis.... | - | - | - | 489\$000 |

Post Scriptum

Já se achava muito adiantada a impressão d'esta memoria, quando recebi tres livros interessantes, em que o distincto professor Motta Maia nos dá minucioso conhecimento da prolongada e proveitosa commissão, de que o tinha incumbido a faculdade de medicina do Rio de Janeiro, perante as principaes universidades da Europa, para investigação dos ultimos progressos do ensino medico. Tem os titulos seguintes: — *Breves apontamentos para o estudo do ensino medico em Paris* (1.º relatorio semestral), Paris, 1876. — *Contribuição para o estudo dos progressos da histologia em França* (2.º relatorio semestral), Vienna, 1877. — *Estudo sobre o ensino medico na Austria e na Allemanha* (3.º relatorio semestral), Paris, 1877.

N'estas publicações ha muito que aprender relativamente á organização do ensino medico em geral; e principalmente a respeito da nossa faculdade de medicina, por onde fôra modelada, na sua criação, a do Rio de Janeiro, em proveito da qual se empenhava todo o esforço do professor americano.

Para o mesmo estudo sobre a organização do ensino medico, tambem deveremos consultar as publicações d'outros investigadores, a que se referiu por vezes o dr. Motta Maia. Taes são: *Jaccoud - De l'organisation des facultés de médecine en Allemagne*, Paris, 1864. — *Wurtz - Les autes études pratiques dans les universités allemandes*, Paris, 1870. — *Wurtz - Rapport à M. le Ministre de l'instruction publique*, Paris, 1872. — *Léon Le Fort - Étude sur l'organisation de la médecine en France et à l'étranger*, Paris,

1874. — *Hardy* (folheto sobre as modificações do ensino medico official), 1875; e outros.

Servirão de complemento a esse estudo, com applicação ás reformas da nossa faculdade, os instrutivos relatorios do nosso commissionado Dr. Senna, que foram publicados no jornal — *Estudos Medicos*, e principalmente as judiciosas apreciações sobre o mesmo assumpto, que o nosso illustrado collega tenciona publicar com brevidade.

N'uma carta, de 11 de Maio de 1880, em que eu agradeia ao dr. Motta Maia o seu valioso presente, fazia-lhe notar a curiosa coincidencia das nossas apreciações, no mesmo sentido, a respeito de muitos assumptos do ensino medico em differentes universidades, e principalmente na faculdade de medicina de Paris.

Effectivamente, passados 10 annos depois da publicação dos meus relatorios¹, o Dr. Motta Maia, sem ter conhecimento d'elles, sentia impressões semelhantes, quando examinava, mais a fundo e mais detidamente, os mesmos estabelecimentos que, em 1865, eu tinha visitado em França, Austria, Prussia, Baviera, e outros estados da Allemanha. Educados ambos em faculdades de medicina de organização muito parecida, não admira que ambos nos impressionassemos similhantemente; não só com as praticas escolares de incontestavel merecimento, que desejamos vêr adoptadas em Portugal e no Brazil, mas principalmente perante a organização defeituosa d'outros assumptos do ensino medico, a que nos pareceu muito preferivel o que temos de casa, ha muitos annos.

Deu-se, além d'isso, outra coincidencia bastante notavel a respeito dos meus relatorios de 1866 e das publicações de 1876 do nosso collega brasileiro. A respeito d'estas, o professor de Lyon, J. Renaut, n'um artigo bibliographico (Publica-

¹ Relatorios d'uma viagem scientifica, Coimbra, 1866.

tions du Progrés medical), acceitou as arguições relativas ao estado, então miseravel, dos estabelecimentos da faculdade de medicina de Paris; e ainda a respeito da viciosa organização dos methodos d'ensino em algumas disciplinas. Tomou estes factos como fundamento para proclamar a necessidade urgente d'uma reforma radical n'aquella faculdade.

Similhantermente o respeitavel professor Léon Le Fort, referindo-se aos meus relatorios em 1866, chamou a attenção dos seus compatriotas sobre as apreciações desfavoraveis do professor portuguez, acceitando-as tambem, e tomando-as egualmente como fundamento para instar energicamente pela desejada reforma.

Transcrevo em seguida a parte essencial dos dois artigos, por me parecer opportuna a occasião.

Em 1876 — Artigo do professor J. Renaut

Ce qui frappe d'abord le médecin brésilien, c'est le nombre et la valeur de nos illustrations médicales, tant anciennes qu'actuelles, la puissance de travail, la poursuite de l'idée scientifique par les jeunes générations sans cesse renouvelées dans l'école de l'internat et des médecins des hôpitaux. Mais en regard de cette vitalité considérable, l'auteur constate avec surprise qu'à tous ces travailleurs, maîtres et élèves, les moyens matériels de travail font souvent défaut. Aussi paraît-il craindre « après tant de luttés glorieuses, tant de « glorieuses découvertes, une période de décadence pour « l'école de Paris. »

Admirateur enthousiaste des glorieuses traditions de cette école, des constants efforts et des travaux nombreux de

notre corps professoral, il veut, cela mis à part, dire la vérité toute entière. Or l'exiguïté dans tous les locaux, la mauvaise installation des amphithéâtres, la restriction apportée dans les heures de lecture et la communication des ouvrages à la bibliothèque, un grand nombre de choses enfin l'attristent, l'étonnent, et éloignent chez lui toute idée d'imitation. La Faculté, dit-il, ne peut matériellement loger la foule de ses étudiants. Cette remarque heureusement n'aura bientôt plus de raison d'être, mais il en est d'autres qui subsistent. En dehors des externes et des internes des hôpitaux, M. Motta-Maia remarque que les élèves n'ont, pour ainsi dire, aucune relation suivie avec leurs maîtres. Ils restent vraiment livrés à eux-mêmes, sans guide dans leurs études; leur temps de stage sert peu à leur instruction pratique pour la raison qu'ils sont rarement forcés de le remplir effectivement par des travaux sérieux au lit du malade. Il est vrai de dire toutefois que c'est souvent leur faute s'ils ne passent pas leur stage utilement. La raison simple est en effet que le plus souvent ils ne travaillent pas. Qui pourrait les y contraindre? Dans les services de clinique ils sont, il est vrai, placés sous la direction immédiate des professeurs, mais combien y a-t-il à Paris de services de clinique? Nos stagiaires ne songent, partout ailleurs, qu'à obtenir la signature qui fait foi de leur présence. Souvent ils considèrent le chef du service dans lequel ils sont instruits comme dépourvu de toute autorité sur eux. Ce dernier, n'appartenant pas à la Faculté, et lassé d'avertir, laisse parfois ne rien faire celui-là qui ne veut pas travailler; et plusieurs milliers d'étudiants sont dans ce cas.

Voici donc une première condition matérielle désavantageuse et qui suggère immédiatement cette réflexion, que, pour remédier au mal il serait au moins nécessaire de *découpler* les services de la Faculté dans les hôpitaux, de

répartir les étudiants entre les agrégés pourvus de ces services et de les faire surveiller et instruire par eux. Le défaut de cette instruction élémentaire a du reste frappé le médecin brésilien, aux yeux duquel l'enseignement théorique donné par nos maîtres est insuffisant, à cause de son élévation même. On ne fait point de cours complet à l'école ; chacun des professeurs choisit un sujet particulier qu'il développe pendant un semestre, mais l'ensemble de la science n'est point exposé. Aux yeux de M. Motta-Maia il devrait l'être.

Une autre question est celle des examens. L'auteur s'étonne qu'un étudiant puisse être indéfiniment ajourné et se représenter indéfiniment. Un certain nombre d'exclusions entraîne au Brésil une expulsion définitive de l'école. M. Motta-Maia, d'accord sur ce point avec M. le professeur Le Fort, conseille à son gouvernement de persister dans ces errements qu'il juge salutaires.

Mais c'est surtout à propos des laboratoires, des amphithéâtres de dissection, des pavillons destinées à l'étude pratique de l'anatomie, que M. Motta-Maia fait cette remarque, qu'il faut que l'esprit scientifique en France soit bien puissant, que le courage des maîtres et de la minorité studieuse des élèves soit considérable, pour triompher des mauvaises conditions matérielles dans lesquelles tous sont placés pour l'étude. Et ici ce n'est plus le spectateur étranger qui parle, c'est la Faculté de Paris elle-même qui, — par la voix de Lorain, de MM. les professeurs Wurtz, Léon Le Fort, Hardy, Jaccoud (il en faudrait nommer d'autres si l'on ne citait pas seulement les plaintes écrites) — proclame hautement l'insuffisance des ressources affectées à son enseignement.

Si, cessant de suivre l'auteur dans l'analyse minutieuse, à laquelle il s'est livré, du mécanisme de l'enseignement, des études, des ressources supplémentaires qui viennent en

aide à la Faculté dans sa tâche, nous cherchons à dégager de son livre une pensée générale, voici ce me semble, ce que l'on entrevoit. Dans son étude de l'enseignement médical à Paris, M. Motta-Maia paraît avoir subi cette double impression : que nous avons en France *les hommes, l'esprit scientifique, l'amour du travail*, et peu de choses pour aider ces hommes à travailler.

Mais l'auteur arrive à une dernière conclusion, dont le sens exclusivement pratique doit nous faire sérieusement réfléchir sur la valeur de nos institutions médicales actuelles et qui doit aussi nous instruire pour celles que nous fondons maintenant ou qui seront créées plus tard, M. Motta-Maia exprime en effet souvent cette idée, qu'il convient d'imiter les hommes de Paris, mais que dans ce qu'il a vu et étudié de matériel, tout, bien loin de là, n'est pas à copier au Brésil, « Nous devons, dit-il, imiter ce qu'il y a de bien et exclure ce qu'il y a de mal. » Après quoi il propose à son gouvernement une série d'observations et de mesures, qui, si elles étaient acceptées et effectuées parmi nous, constitueraient l'un des meilleurs changements qui se puissent concevoir, dans le sens du bien.

.....

Em 1866 — Artigo do professor Léon Le Fort.

Paris, 22 novembre 1866 — *La faculté de médecine de Paris devant l'étranger.*

« On est rarement bon juge des qualités ou des défauts que peuvent présenter les institutions scientifiques du pays qu'on habite et qu'on a toujours habité, car l'habitude émousse les sensations et finit par empêcher de voir et

d'apprécier à leur juste valeur des faits qui frappent vivement ceux qui, habitués au contraire à une autre organisation, les observent par la première fois. Il est donc toujours intéressant et souvent instructif de connaître le jugement que portent, sur nos établissements et même sur nos méthodes d'éducation, les médecins étrangers, que le hasard des voyages ou le désir de s'instruire ont, pour quelque temps, amenés au milieu de nous. Aussi, est-ce avec un vif intérêt que nous avons lu une brochure toute récente, publiée à Coïmbre par le docteur Costa Simões, sous ce titre : RELATORIOS DE UMA VIAGEM SCIENTIFICA.

Le docteur Simões, professeur d'histologie et de physiologie générale, fut chargé, en 1864, par le gouvernement portugais, d'étudier l'organisation de l'enseignement de l'histologie et de la physiologie dans les principaux États du centre de l'Europe. Son voyage, commencé en janvier 1865, le conduisit successivement à Paris, à Liège, à Gand, à Bruxelles, Utrecht, Göttingue, Munich, Berlin, Vienne, etc., et le compte-rendu nous donne un aperçu général et, en même temps, des détails circonstanciés sur l'enseignement spécial de l'histologie et de la physiologie en France, en Belgique, en Hollande, en Allemagne, en Suisse et en Portugal.

Paris eut la première visite du professeur portugais ; c'est par la description et l'appréciation des moyens d'instruction qu'offre notre Faculté que l'auteur débute dans son récit, et, malheureusement pour nous, l'état réel des choses y est exposé avec une grande exactitude.

M. Simões nous fait d'abord assister au cours d'histologie : « Le cours public du professeur Robin est seulement oral, « sans la moindre démonstration pratique au microscope. La « configuration histologique des tissus y est représentée à la « craie ou par de grands dessins appendus dans le fond de « l'amphithéâtre. De temps en temps paraissent sur la table

« un rein, un cerveau ou quelque autre viscère dont la structure microscopique doit faire l'objet de la leçon ; mais la présence de ces organes, sans être de quelque utilité aux démonstrations histologiques, peut à peine servir à rappeler aux élèves quelques notions d'anatomie descriptive..... On voit que dans un cours ainsi disposé on ne peut rencontrer l'instruction pratique que nous recherchons et que pourrait donner un professeur aussi distingué et aussi consommé dans cet ordre de travaux que M. Robin. »

Il est impossible de ne pas reconnaître combien sont fondées les remarques de M. Simões ; mais s'il critique justement l'état des choses, ce n'est pas au corps enseignant qu'il en fait remonter la responsabilité : « O senhor Robin, dit M. Simões, lamenta este estado de cousas, et regrette de se voir refuser les moyens d'organiser d'une manière convenable l'enseignement qui lui est confié. »

Ce que le professeur de Coïmbre dit de notre cours d'histologie, il le répète, non sans raison, pour le cours de physiologie, et il déplore que des professeurs aussi éminents que MM. Robin et Longet soient réduits à une impuissance relative, par l'insuffisance des ressources matérielles mises à leur disposition.

C'est sur ce point surtout que la comparaison de nos établissements avec ceux de l'étranger montre dans tout son jour le fâcheux état d'infériorité où l'on a placé malgré elle notre Faculté. Ici il ne s'agit plus d'appréciation individuelle, il s'agit de faits matériels, physiques, et l'on ne peut s'empêcher de se sentir humilié quand on compare nos ressources avec celles qu'offrent aux élèves les Facultés allemandes, belges et portugaises. Le docteur Simões nous donne, en effet, la nomenclature des appareils que possèdent les laboratoires publics d'histologie et de physiologie à Liège, Berlin, Vienne, Zurich, Coïmbre, Paris, etc. Cette

nomenclature qui pour Berlin est à peine contenue dans cinq pages de la brochure, est, pour Paris, renfermée tout entière en seize lignes. Au lieu de lire la description des laboratoires spéciaux des universités allemandes, nous ne trouvons, pour Paris, que cette phrase éloquente, qui peint notre misère : « Les leçons de M. Robin se font dans l'amphithéâtre de l'École de médecine où se font aussi tous les autres cours, et cet amphithéâtre ne possède aucune disposition spéciale pour les travaux histologiques. »

Ce fâcheux état des choses va bientôt disparaître, et nous pouvons plus facilement nous consoler du présent, maintenant que l'avenir si désiré est proche. Les demandes si souvent réitérées de la Faculté ont enfin été entendues. L'allocution du doyen à la séance de rentrée nous a donné cette bonne et heureuse nouvelle, que les efforts et les talents des maîtres ne viendraient plus à l'avenir se briser contre des obstacles qu'il n'était point en leur pouvoir de surmonter. Mieux encore que M. Simões ils avaient pu voir, comme le disait il y a quelques jours M. Wurtz, combien

.....virtutibus obstat
Res angusta domi.

Quelque temps se passera encore avant que la Faculté ne soit mise en possession d'une installation qui lui permette de donner à l'enseignement pratique de l'histologie et de la physiologie tout le développement qu'il comporte ; mais cette année même verra s'opérer d'importantes améliorations. Nous ne sommes pas dans le secret des mesures projetées ou peut-être arrêtées, mais d'après quelques renseignements que nous avons lieu de croire exacts, en attendant que la reconstitution de l'École de médecine permette d'instituer, pour tous les élèves, des cours pratiques d'histologie et de physiologie expérimentales, ceux

d'entre eux qui feraient à la fin de l'année, soit dans les examens ordinaires de scolarité, soit dans les examens spéciaux, preuve de connaissances suffisantes pour tirer profit de cet enseignement, seraient appelés à prendre part à des exercices pratiques d'histologie et de physiologie. « Dès l'été prochain, disait il y a quelques jours le doyen de la Faculté, les principales expériences des cours seront répétées devant tous les élèves, admis par séries à prendre part à ces exercices. » Dès l'été prochain, pouvons-nous ajouter, un immense progrès aura été réalisé, et l'enseignement spécial de notre Faculté pourra rivaliser avec celui qu'offrent aux élèves les universités étrangères.

M. Simões critique notre organisation actuelle, mais s'il constate les faits il sait en apercevoir les causes; s'il déplore l'insuffisance des ressources mises à la disposition des élèves, il sait voir et déplore plus encore l'inanité presque absolue de celles qui sont mises à la disposition des professeurs, et, en homme qui connaît le sujet dont il parle, s'il constate le mal il indique le remède, exemple trop peu suivi dans certaines polémiques récentes. L. LE FORT.



INDICE

| | |
|-------------------|--------|
| ADVERTENCIA | Pag. 5 |
|-------------------|--------|

ARTIGO 1.º

Creação d'uma cadeira na faculdade de medicina

| | |
|--|---|
| § 1.º Relatório e projecto da lei..... | 9 |
|--|---|

ART. 2.º

Trabalhos praticos na faculdade de medicina

| | |
|--|----|
| § 2.º Disposições geraes | 12 |
| § 3.º Cadeiras de clinica e de tocologia | 15 |
| § 4.º Cadeira de medicina operatoria | 18 |
| § 5.º Cadeira d'anatomia normal | 20 |
| § 6.º Cadeira d'anatomia pathologica e de toxicologia..... | 22 |
| — (a) ensino pratico d'anatomia pathologica..... | 22 |
| — (b) ensino pratico de toxicologia..... | 24 |
| § 7.º Cadeira de histologia normal | 26 |
| § 8.º Cadeira de physiologia geral | 27 |
| § 9.º Cadeira de physiologia especial | 28 |
| § 10.º Cadeira de materia medica e pharmacia..... | 28 |

ART. 3.º

Laboratorios da faculdade de medicina: projectos e orçamentos

| | |
|-------------------------|----|
| § 11.º Plano geral..... | 31 |
| — Serie de preços..... | 34 |

| | Pag. |
|---|------|
| 12.º Clinica e tocologia..... | 36 |
| — (a) Enfermarias d'eschola | 36 |
| — (b) Amphitheatros d'aula e d'operações chirurgicas | 36 |
| 13.º Medicina operatoria | 37 |
| — Orçamento..... | 38 |
| 14.º Anatomia normal | 40 |
| — Pavilhões anatomicos | 40 |
| — Communicação do bairro alto com a praça de D. Pedro v pelo cerco dos Jesuitas..... | 43 |
| — Orçamento do museu d'anatomia normal e gabinetes de trabalho..... | 45 |
| 15.º Anatomia pathologica | 47 |
| — Orçamento do museu d'anatomia pathologica, aula e gabinetes de trabalho..... | 48 |
| 16.º Toxicologia..... | 51 |
| — Orçamento do laboratorio de toxicologia e de chimica medica..... | 52 |
| — Dicto da aula, gabinetes de trabalho, e arrecadações.... | 55 |
| — Dicto do alojamento para animaes vivos..... | 59 |
| 17.º Histologia normal | 60 |
| — Orçamento do grande amphitheatro da faculdade..... | 61 |
| — Dicto da substituição d'uma parede por enxamel duplo | 65 |
| — Dicto das dependencias do amphitheatro | 67 |
| 18.º Physiologia geral..... | 70 |
| — Orçamento da aula, sala de viviseccões e gabinetes de trabalho | 71 |
| — Dicto do laboratorio de physiologia experimental..... | 72 |
| — Dicto dos almarios do laboratorio | 74 |
| — Dicto do alojamento d'animaes vivos..... | 75 |
| 19.º Physiologia especial: laboratorio e gabinetes de trabalho | 80 |
| 20.º Materia medica e pharmacia: laboratorios, etc..... | 80 |
| 21.º Obras geraes | 82 |
| — Orçamento das salas da directoria, portaria, etc..... | 83 |
| — Dicto dos dois gabinetes da bibliotheca, etc..... | 86 |

Explicação das Estampas

| | |
|------------------|----|
| Estampa 1.ª..... | 89 |
| Estampa 2.ª..... | 92 |
| Estampa 3.ª..... | 93 |

ART. 4.º

Recursos pecuniários

| | Pag. |
|--|------|
| § 22.º Dotação da universidade para obras nos estabelecimentos | 95 |
| — Mappas | 98 |
| § 23.º Andamento das obras | 101 |

Additamento

| | |
|--|-----|
| Orçamento dos pavilhões anatomicos | 105 |
| Modificações ao mesmo orçamento..... | 110 |
| <i>Post scriptum</i> | 115 |

ERRATAS

| <i>Pag.</i> | <i>linh.</i> | <i>Erros</i> | <i>Emendas</i> |
|-------------|--------------|--------------|----------------|
| 17 | 34 | ensaio | ensino |
| 20 | 6 | de trabalho | do trabalho |
| 32 | 2 | mas | ; mas |
| 42 | 2 | Coberta | coberta |
| 46 | 25 | 13219 | 13169 |
| " | 29 | 788 | 808 |
| 47 | 23 | debaivo | debaixo |
| 50 | 20 | 425603 | 425606 |
| " | 48 | 285 | 282 |
| 54 | 9 | 85494 | 85495 |
| " | 12 | 505798 | 505799 |
| " | 33 | 611 | 609 |
| 57 | 22 | 345648 | 345658 |
| " | 33 | 175072 | 175073 |
| " | 44 | 1:4055386 | 1:4055397 |
| 58 | 4 | 1:4055386 | 1:4055397 |
| " | 18 | 722 | 711 |
| 59 | 29 | 2,68 | 2,88 |
| " | 34 | 505612 | 505616 |
| " | 37 | 505 | 502 |
| 60 | 8 | microscopios | microscopicos |
| 63 | 19 | 685466 | 685456 |
| " | 43 | 1:1425235 | 1:1425225 |
| 64 | 4 | 1:1425235 | 1:1425225 |
| " | 6 | " | 25000 |
| " | 21 | 699 | 709 |
| 70 | 9 | corpulentos | corpulentos |
| 94 | 10 | Symetria | symetria |



